

VALORIZE A VIDA!

SUICÍDIO NÃO É SOLUÇÃO

**"Eu vim para que tenham vida
e a tenham em abundância."**

Jesus - Jo 10,10.



PROCURE AJUDA!

- “O suicídio é a culminância de um estado de alienação que se instala sutilmente. O candidato não pensa com equilíbrio, não se dá conta dos males que o seu gesto produz naqueles que o amam. Como perde a capacidade de discernimento, apega-se-lhe como única solução, esquecido de que o tempo equaciona sempre todos os problemas, não raro, melhor do que a precipitação. A presença nervosa por fugir, o desespero que se instala no íntimo, empurram o enfermo para a saída sem retorno...”

Manoel P. de Miranda
(Loucura e Obsessão, psicografia de Divaldo P. Franco, p. 304-305 e 307, 8 ed. FEB.)

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida;

a Jesus pelo exemplo;

ao Codificador¹ pelo portal de luz que ofereceu ao mundo, através da Codificação da Doutrina Espírita;

aos demais autores, espirituais e encarnados, das obras citadas neste livro, pelas preciosas lições que compartilham;

aos benfeitores espirituais pelo auxílio;

aos dirigentes espíritas de todos os tempos, que pelos esforços e renúncias várias, possibilitam o contato com a Doutrina Luz.

¹Allan Kardek

SUMÁRIO

Introdução	5
Motivos para valorizar a vida	6
Conseqüências do suicídio	11
Depois do suicídio	13
Relatos do livro O Martírio dos Suicidas	29
Relatos do livro O Céu e o Inferno	31
Esclarecimentos em O Livro dos Espíritos	35
A importância da prece segundo o Espiritismo	42
Realização do Evangelho no Lar	48
Mensagens para reflexão	50
Mensagem Final	54
Referências	55

Publicado pelo Grupo Espírita Seara do Mestre
Santo Ângelo - RS / CNPJ 93.535.516/0001-11

1ª Edição - 1.000 exemplares

Novembro de 2008.

INTRODUÇÃO

Inspirados no material produzido pela Sociedade Espírita Raios de Luz, da cidade de Tapera – RS, a equipe de redação do Seara Espírita (periódico mensal, publicado pelo Grupo Espírita Seara do Mestre, de Santo Ângelo/RS) decidiu oferecer aos seus leitores, trabalhadores espíritas e sociedades espíritas, um conjunto de informações sobre o suicídio.

Compõem esta publicação alguns textos sobre o suicídio e que foram publicados no periódico Seara Espírita; algumas questões de O Livro dos Espíritos para reflexão em torno da importância da vida e do grande equívoco que é o suicídio.

Do Livro Memórias de Um Suicida, de Yvonne do Amaral Pereira, foram retiradas algumas informações acerca das dolorosas experiências vivenciadas pelo autor espiritual ao longo de quase meio século, como alerta para que os encarnados, mesmo nos momentos de extrema dificuldade, persistam na luta, pois o suicídio agrava os problemas, em vez de resolvê-los.

O caso Camilo é apenas um dentre tantos que os Espíritos vem revelar, pois já durante a codificação Allan Kardec incluiu em O Céu e o Inferno uma coletânea de relatos de Espíritos que passaram pela experiência do suicídio. Desta obra da Codificação, e do livro O Martírio dos Suicidas, foram selecionados alguns depoimentos para enriquecer esse trabalho.

Algumas mensagens e orações são apresentadas como estímulo àqueles que estão passando pelos tormentos existenciais e consolo aos irmãos que estão sofrendo as conseqüências por terem antecipado o término da jornada, além de orientações para a realização do Evangelho no Lar, reunião semanal em família, com o objetivo de estudar o Evangelho de Jesus à luz da Doutrina Espírita, facilitando, assim, a compreensão e a vivência dos seus ensinamentos.

“A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as idéias materialistas, numa palavra, são os maiores incitantes ao suicídio; ocasionam a *covardia moral*.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. V, item 16)

Motivos para valorizar a vida

“Por estas palavras: *Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados*, Jesus aponta a compensação que hão de ter os que sofrem e a resignação que leva o padecente a bendizer do sofrimento, como prelúdio da cura.” (O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. V, item 12)

Apresentamos a seguir as questões 132 e 133 de O Livro dos Espíritos, onde os Espíritos encarregados da codificação, respondem a Allan Kardec sobre os propósitos da existência.

Na seqüência, alguns artigos publicados no periódico Seara Espírita, para demonstrar que, a despeito de qualquer justificativa, por mais meritória que possa parecer, defender a vida sempre será a melhor alternativa.

Objetivo da encarnação

132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

“Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, *têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal*: nisso é que está a expiação.”

133. Têm necessidade de encarnação os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem?

“Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadigas e trabalhos, consequentemente sem mérito.”

a) - Mas, então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isso não os isenta dos sofrimentos da vida corporal?

“Chegam mais depressa ao fim. Demais, as aflições da vida são muitas vezes a consequência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeições, tanto menos tormentos. Aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não sofrerá as torturas que se originam desses defeitos.”

Cinco lembretes anti-suicídio (*)

1. A vida não acaba com a morte.

A morte não significa o fim da vida, mas somente uma passagem para uma outra vida: a espiritual.

2. Os problemas não acabam com a morte.

Eles são provas ou expiações, que nos possibilitam a evolução espiritual, quando os enfrentamos com coragem e serenidade. Quem acredita estar escapando dos problemas pela porta do suicídio está somente adiando a situação.

3. O sofrimento não acaba com a morte.

O suicídio só faz aumentar o sofrimento. Os Espíritos de suicidas que puderam se comunicar conosco descrevem as dores terríveis que tiveram de sofrer, ao adentrar o Mundo Espiritual, devido ao rompimento abrupto dos liames entre o Espírito e o corpo. Para alguns suicidas o desligamento é tão difícil, que eles chegam a sentir seu corpo se decompondo. Além disso, há o remorso por ter transgredido gravemente a lei de Deus, perante a qual suicidar-se equivale a cometer um assassinato.

4. A morte não apaga nossas falhas.

A responsabilidade pelas faltas cometidas é inevitável e intransferível. Elas permanecem em nossa consciência até que as reparemos.

5. A Doutrina Espírita propicia esperança e consolação quando oferece a certeza da continuidade infinita da vida, que é tanto mais feliz quanto melhor suportamos as provas do presente.

Retirado do livro **Palavras Simples, Verdades Profundas**, de Rita Folker EME Editora.

(*) Publicado no Seara Espírita edição de agosto de 2002.

Suicídio indireto (*)

André Luiz, no Livro Nosso Lar, psicografado por Chico Xavier, Editora FEB, quando de seu desencarne, foi tratado como suicida; permaneceu oito anos no umbral devido ao mau uso que fez de seu corpo físico. Ele foi o que podemos chamar de suicida indireto: não freou sua vida de maneira drástica, repentina, como quem se dá um tiro ou se atira na frente de um automóvel; porém, considerado suicida porque cometeu excessos físicos, como o álcool e a má alimentação, diminuindo o tempo de “vida útil” de seu corpo material, antecipando sua morte física, menosprezando assim, a encarnação que lhe foi oportunizada.

Há muitas atitudes que, em conjunto ou isoladas, podem levar ao esgotamento físico e mental, abreviando uma encarnação: bebidas alcoólicas, excessos alimentares ou má-alimentação, stress, sedentarismo, pensamentos negativos. Também os vícios destroem a saúde e aí podemos incluir os viciados em trabalho, em sexo, em cigarro, em drogas ilícitas, em falar da vida alheia, em ócio, entre outros. Além disso, o corpo físico e espiritual é lesado pela raiva, desespero, depressão, ansiedade e nervosismo constantes.

Nenhum tipo de excesso é saudável, mesmo o excesso direcionado à vida espiritual - aquela pessoa que vive para a contemplação, por exemplo. Como Espíritos encarnados, o trabalho, a família, os amigos, os bens materiais, o lazer fazem parte de nossa vida, mas sempre sem exageros, apegos ou hábitos enfermos. Uma vida equilibrada, material e espiritualmente, é parte da evolução que nos propomos ao reencarnarmos.

Fazer uma análise diária das próprias atitudes é de grande utilidade para quem deseja mudar hábitos equivocados. Praticar a solidariedade

em pequenos gestos, conviver fraternalmente, perdoar, respeitar os irmãos de caminhada, ler livros edificantes, bem como uma reforma íntima consciente facilitam o bom senso e o equilíbrio.

A busca da saúde física e emocional é importante, a fim de não abreviarmos essa encarnação, que é oportunidade valiosa de aprendizado. Conscientes disso, cabe a cada um fazer uma análise de si mesmo (e não dos outros – do vizinho, do colega, do irmão) para mudar, sem demora, atitudes e pensamentos, conquistando uma vida serena e saudável, onde a prece, o amor, a caridade, a fé em Deus e os valores cristãos sejam os norteadores dessa existência.

(*) Publicado no Seara Espírita edição de maio de 2002.

Prevenção contra o suicídio (*)

Quando a idéia de suicídio, porventura, te assome à cabeça, reflète, antes de tudo, na Infinita Bondade de Deus, que te instalou na residência planetária, solidamente estruturada, a fim de sustentar-te a segurança no Espaço Cósmico.

Em seguida, ora, pedindo socorro aos mensageiros da Providência Divina.

Medita no amor e na necessidade daqueles corações que te usufruem a convivência. Ainda que não lhes conheças, de todo, o afeto que te consagram e embora a impossibilidade em que te reconheces para medir quanto vales para cada um deles, é razoável ponderes quantas lesões de ordem mental lhe causarias com a violência praticada contra ti mesmo.

Se a idéia perniciosa continua a torturar-te, mesmo que te sintas doente, refugia-te no trabalho possível, em que te mostres útil aos que te cercam.

Visita um hospital, onde consigas avaliar as vantagens de que dispões, em confronto com o grande número de companheiros portadores de moléstias irreversíveis.

Vai pessoalmente ao encontro de algum instituto beneficente, a que se recolhem irmãos necessitados de apoio total, para os quais alguns momentos de diálogo amigo se transformam em preciosa medicação.

Lembra-te de alguém que saibas em penúria e busca avistar-te com esse alguém, procurando aliviar-lhe a carga de aflição.

Comparece, espontaneamente, aos contatos com os amigos reeducandos que se encontrem internados em presídio do seu conhecimento, de maneira a prestares a esse ou àquele algum pequenino favor.

Não desprezes a leitura de alguma página esclarecedora, capaz de renovar-te os pensamentos.

Entrega-te ao serviço do bem ao próximo, qualquer que ele seja e faze empenho em esquecer-te, porque a voluntária destruição de tuas possibilidades físicas não só representa um ato de desconsideração para com as bênçãos que te enriquecem a vida, como também será o teu recolhimento compulsório à intimidade de ti mesmo, no qual, por tempo indefinível, permanecerás no envolvimento de tuas próprias perturbações.

Emmanuel - Chico Xavier - Do livro **Pronto Socorro**, edições C.E.U.

(*) Publicado o Seara Espírita edição de abril de 2003.

CONSEQÜÊNCIAS DO SUICÍDIO

Para introduzir o tema e facilitar o entendimento dos relatos que serão apresentados, selecionamos algumas questões que foram abordadas no Livro **Suicídio: tudo o que você precisa saber**. Em sistema de perguntas e respostas, Richard Simonetti, aborda as múltiplas facetas relacionadas ao suicídio, à luz da Doutrina Espírita.

Conseqüências imediatas

1 - Qual a primeira conseqüência do suicídio?

A terrível constatação: o suicida não alcançou o seu intento. **NÃO MORREU!** Não foi *deletado* da Vida. Continua a existir, sentir e sofrer, em outra dimensão, experimentando tormentos mil vezes acentuados. É uma situação traumática e apavorante.

4 – O que acontece com o perispírito no suicídio?

Sendo um corpo sutil que interage com nossos pensamentos e ações, é afetado de forma dramática. Se alguém me der um tiro e eu vier a desencarnar poderei experimentar algum trauma, mas sem danos perispirituais mais graves. Porém, se eu for o autor do disparo, buscando a morte, o perispírito será afetado e retornarei ao Plano Espiritual com um ferimento compatível com a área atingida no corpo físico.

Dificuldades de desligamento

2 – A par da terrível constatação de que não alcançou o seu intento, não “morreu”, e dos desajustes perispirituais, há algo mais que aflija o suicida logo após o funesto ato?

Os suicidas enfrentam grandes dificuldades para desligar-se dos despojos carnis (...).

3 – O Espírito pode ser devorado por vermes?

Obviamente, não. Ocorre que ele fica preso ao cadáver por ligações fluídicas que, enfeixadas formam o famoso cordão prateado, de que nos

falam os mentores espirituais. Nessa condição repercute nele o ataque dos vermes, passando-lhe a impressão de alguém que está sendo devorado vivo.

4 – Por exercício de misericórdia, não tem os mentores espirituais condições para promover um rápido desligamento?

É por misericórdia que não o fazem de imediato. Se houver um desligamento extemporâneo, antes que o desencarnante haja superado as impressões mais fortes, relacionadas com a experiência física e o tipo de morte, retornará em condições ainda piores ao Mundo Espiritual. Deixá-lo preso ao corpo por determinado tempo é o mal menor.

Tentativa Frustrada

1 – É grande o número de pessoas que tentam o suicídio, sem consumá-lo. Haverá conseqüências?

Todo ato de violência contra o próximo ou contra nós mesmos sempre repercute em nosso perispírito, gerando problemas que mais cedo ou mais tarde se manifestarão, na forma de males físicos ou psíquicos.

Idéia acalentada

5 – O que se pode fazer quando um familiar ou alguém de nossas relações envolve-se com a idéia?

Conversar sobre o assunto, alertá-lo de que a fuga não resolverá seus problemas, apenas agravará, em forma superlativa. O esclarecimento é o melhor recurso para que a pessoa se disponha a eliminar de sua mente semelhante idéia. E, obviamente, ajudá-lo em seus problemas. Um gesto de solicitude, carinho ou solidariedade pode ter um efeito mais positivo do que o simples enunciado das conseqüências desse desatino.

Depois do Suicídio

Apresentamos, na seqüência, um resumo das anotações do Espírito Camilo, no Livro Memórias de um Suicida, que através da mediunidade de Yvonne A. Pereira, relata as trágicas conseqüências do seu ato.

“Que medites sobre estas páginas, leitor, ainda que duro se torne para o teu orgulho pessoal o aceitá-las! E se as lágrimas alguma vez rociarem tuas pálpebras, à passagem de um lance mais dramático, não recalцитres contra o impulso generoso de exaltar teu coração em prece piedosa, por aqueles que se estorcem nas trágicas confusões da inconseqüência de infrações às leis de Deus!” Léon Denis (prefácio da segunda Edição)

Quem foi Camilo

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco, conhecido por Camilo Castelo Branco, nasceu em Lisboa, aos 16 de março de 1825 e morreu em São Miguel de Seide, com 65 anos.

Dono de grande inteligência e cultura, um dos maiores escritores portugueses, foi atingido por uma doença nos olhos que aos poucos o levou à cegueira completa.

Consultou vários médicos e, no dia 1º de junho de 1890, foi atendido, em sua própria residência, por renomado especialista.

Sem poder arrancar do médico, a verdade sobre a doença, Camilo ficou à escuta, enquanto o oculista dava sua opinião à esposa, Ana Plácido. Ali, o escritor ficou sabendo que sua cegueira tratava-se de um caso perdido. Voltou ao quarto e deu um tiro no ouvido.

Os Réprobos

Em geral aqueles que se arrojam ao suicídio, para sempre esperam livrar-se de dissabores julgados insuportáveis, de sofrimentos e problemas considerados insolúveis (...)

Também eu assim pensei (...)

Enganei-me, porém; e lutas infinitamente mais vivas e mais ríspidas

esperavam-me a dentro do túmulo a fim de me chicotearem a alma de descrente e revel, com merecida justiça.

As primeiras horas que se seguiram ao gesto brutal de que usei, para comigo mesmo, passaram-se sem que verdadeiramente eu pudesse dar acordo de mim. Meu Espírito, rudemente violentado, como que desmaiara, sofrendo ignóbil colapso. Os sentidos, as faculdades que traduzem o “eu” racional, paralisaram-se como se indescritível cataclismo houvesse desbaratado o mundo, prevalecendo, porém, acima dos destroços, a sensação forte do aniquilamento que sobre meu ser acabara de cair. Fora como se aquele estampido maldito, que até hoje ecoa sinistramente em minhas vibrações mentais —, sempre que, descerrando os véus da memória, como neste instante, revivo o passado execrável — tivesse dispersado uma a uma as moléculas que em meu ser constituíssem a Vida!

A linguagem humana ainda não precisou inventar vocábulos bastante justos e compreensíveis para definir as impressões absolutamente inconcebíveis, que passam a contaminar o “eu” de um suicida logo às primeiras horas que se seguem ao desastre, as quais sobem e se avolumam, envolvem-se em complexos e se radicam e cristalizam num crescendo que traduz estado vibratório e mental que o homem não pode compreender (...). Para entendê-la e medir com precisão a intensidade dessa dramática surpresa, só outro Espírito cujas faculdades se houvessem queimado nas efervescências da mesma dor!

(...)

É o traumatismo psíquico, o choque nefasto que o dilacerou com suas tenazes inevitáveis, e o qual, para ser minorado, dele exigirá um roteiro de urzes e lágrimas, decênios de rijos testemunhos até que se reconduza às vias naturais do progresso, interrompidas pelo ato arbitrário e contraproducente.

Pouco a pouco, senti ressuscitando das sombras confusas em que mergulhei meu pobre Espírito, após a queda do corpo físico (...).

Senti-me enregelar de frio. Tiritava! Impressão incômoda, de que vestes de gelo se me apegavam ao corpo, provocou-me inavaliável mal-estar. Faltava-me, ao demais, o ar para o livre mecanismo dos pulmões, o que me levou a crer que, uma vez que eu me desejara furtar à vida, era a morte que se aproximava com seu cortejo de sintomas dilacerantes.

Odores fétidos e nauseabundos, todavia, revoltavam-me brutalmente o olfato. Dor aguda, violenta, enlouquecedora, arremeteu-se instantaneamente sobre meu corpo por inteiro, localizando-se particularmente no cérebro e iniciando-se no aparelho auditivo. Presa de convulsões indescritíveis de dor física, levei a destra ao ouvido direito: — o sangue corria do orifício causado pelo projétil da arma de fogo de que me servira para o suicídio e manchou-me as mãos, as vestes, o corpo... Eu nada enxergava, porém. Convém recordar que meu suicídio derivou-se da revolta por me encontrar cego, expiação que considere superior às minhas forças, injusta punição da Natureza aos meus olhos necessitados de ver, para que me fosse dado obter, pelo trabalho, a subsistência honrada e altiva.

Sentia-me, pois, ainda cego; e, para cúmulo do meu estado de desorientação, encontrava-me ferido. Tão-somente ferido e não morto! porque a vida continuava em mim como antes do suicídio!

Passei a reunir idéias, mau grado meu. Revi minha vida em retrospecto, até à infância, e sem mesmo omitir o drama do último ato, programação extra sob minha inteira responsabilidade. Sentindo-me vivo, averigui, conseqüentemente, que o ferimento que em mim mesmo fizera, tentando matar-me, fora insuficiente, aumentando assim os já tão grandes sofrimentos que desde longo tempo me vinham perseguindo a existência. Supus-me preso a um leito de hospital ou em minha própria casa. Mas a impossibilidade de reconhecer o local, pois nada via; os incômodos que me afligiam, a solidão que me rodeava, entraram a me angustiar profundamente, enquanto lúgubres pressentimentos me avisavam de que acontecimentos irremediáveis se haviam confirmado.

Bradei por meus familiares, por amigos que eu conhecia afeiçoados bastante para me acompanharem em momentos críticos. O mais surpreendente silêncio continuou enervando-me. Indaguei mal-humorado por enfermeiros, por médicos que possivelmente me atenderiam, dado que me não encontrasse em minha residência e sim retido em algum hospital; por serviçais, criados, fosse quem fosse, que me obsequiar pudessem, abrindo as janelas do aposento onde me supunha recolhido, a fim de que correntes de ar purificado me reconfortassem os pulmões; que me favorecessem coberturas quentes, acendessem a lareira para amenizar a gelidez que me entorpecia os membros, providenciando bálsamo às

dores que me supliciavam o organismo, e alimento, e água, porque eu tinha fome e tinha sede!

Com espanto, em vez das respostas amistosas por que tanto suspirava, o que minha audição distinguiu, passadas algumas horas, foi um vozerio ensurdecedor, que, indeciso e longínquo a princípio, como a destacar-se de um pesadelo, definiu-se gradativamente até positivar-se em pormenores concludentes. Era um coro sinistro, de muitas vozes confundidas em atropelos, desnorteadas, como aconteceria numa assembléia de loucos.

(...)

Aterrado senti que estranhos empuxões, como arrepios irresistíveis, transmitiam-me influências abomináveis, provindas desse todo que se revelava através da audição, estabelecendo corrente similar entre meu ser superexcitado e aqueles cujo vozerio eu distinguiu. Esse coro, isócrono, rigorosamente observado e medido em seus intervalos, infundiu-me tão grande terror que, reunindo todas as forças de que poderia o meu Espírito dispor em tão molesta situação, movimentei-me no intuito de afastar-me de onde me encontrava para local em que não mais o ouvisse.

Tateando nas trevas tentei caminhar. Mas dir-se-ia que raízes vigorosas plantavam-me naquele lugar úmido e gelado em que me deparava. Não podia despegar-me! Sim! Eram cadeias pesadas que me escravizavam, raízes cheias de seiva, que me atinham grilhetado naquele extraordinário leito por mim desconhecido, impossibilitando-me o desejado afastamento. Aliás, como fugir se estava ferido, desfazendo-me em hemorragias internas, manchadas as vestes de sangue, e cego, positivamente cego! Como apresentar-me a público em tão repugnante estado?...

(...)

E, considerando insolúvel a situação, entreguei-me às lágrimas e chorei angustiosamente, ignorando o que tentar para meu socorro. Mas, enquanto me desfazia em prantos, o coro de loucos, sempre o mesmo, trágico, funéreo, regular como o pêndulo de um relógio, acompanhava-me com singular similitude, atraindo-me como se imanado de irresistíveis afinidades...

(...)

Após esforços desesperados, levantei-me.

Meu corpo enregelado, os músculos retesados por entorpecimento geral, dificultavam-me sobremodo o intento. Todavia, levantei-me. Ao fazê-lo, porém, cheiro penetrante de sangue e vísceras putrefatos reacendeu em torno, repugnando-me até às náuseas.

Partia do local exato em que eu estivera dormindo.

(...)

Inquieto, tateei na escuridão com o intuito de encontrar a porta de saída que me era habitual, já que todos me abandonavam em hora tão crítica. Tropecei, porém, em dado momento, num montão de destroços e, instintivamente, curvei-me para o chão, a examinar o que assim me interceptava os passos. Então, repentinamente, a loucura irremediável apoderou-se de minhas faculdades e entrei a gritar e uivar qual demônio enfurecido, respondendo na mesma dramática tonalidade à macabra sinfonia cujo coro de vozes não cessava de perseguir minha audição, em intermitências de angustiante expectativa.

O montão de escombros era nada menos do que a terra de uma cova recentemente fechada!

Não sei como, estando cego, pude entrever, em meio as sombras que me rodeavam, o que existia em torno!

Eu me encontrava num cemitério!

(...)

A confusão cresceu: — Por que me encontraria ali? Como viera, pois nenhuma lembrança me acorria?... E o que viera fazer sozinho, ferido, dolorido, extenuado?... Era verdade que “tentara” o suicídio, mas...

Sussurro macabro, qual sugestão irremovível da Consciência esclarecendo a memória aturdida pelo ineditismo presenciado, percutiu estrondosamente pelos recôncavos alarmados do meu ser:

“Não quiseste o suicídio?... Pois aí o tens...”

Mas, como assim?... Como poderia ser... se eu não morrera?... Acaso não me sentia ali vivo?...

Não concluía ainda minhas ingênuas e dramáticas interrogações, e vejo-me, a mim próprio! como à frente de um espelho, morto, estirado num ataúde, em franco estado de decomposição, no fundo de uma sepultura, justamente aquela sobre a qual acabava de tropeçar!

Fugi espavorido, deseioso de ocultar-me de mim mesmo, obsidiado pelo mais tenebroso horror, enquanto gargalhadas estrondosas, de indivíduos que eu não lograva enxergar, explodiam atrás de mim e o coro nefasto perseguia meus ouvidos torturados, para onde quer que me refugiasse.

Como louco que realmente me tornara, eu corria, corria, enquanto aos meus olhos cegos se desenhava a hediondez satânica do meu próprio cadáver apodrecendo no túmulo, empastado de lama gordurosa, coberto de asquerosas lesmas que, vorazes, lutavam por saciar em suas pústulas a fome inextinguível que traziam, transformando-o no mais repugnante e infernal monturo que me fora dado conhecer!

Quis furtar-me à presença de mim mesmo, procurando incidir no ato que me desgraçara, isto é — reproduzi a cena patética do meu suicídio mentalmente, como se por uma segunda vez buscasse morrer a fim de desaparecer na região do que, na minha ignorância dos fatos de além-morte, eu suponho o eterno esquecimento! Mas nada havia capaz de aplacar a malvada visão! Ela era, antes, verdadeira!

(...)

Na fuga precipitada que empreendi, ia entrando em todas as portas que encontrava abertas, a fim de ocultar-me em alguma parte.

Vagava pelas ruas tateando aqui, tropeçando além, na mesma cidade onde meu nome era endeusado como o de um gênio — sempre aflito e perseguido. A respeito dos acontecimentos que com minha pessoa se relacionavam, ouvi comentários destilados em críticas mordazes e irreverentes, ou repassados de pesar sincero pelo meu trespassse, que lamentavam.

Tornei a minha casa. Surpreendente desordem estabelecera-se em meus aposentos, atingindo objetos de meu uso pessoal, meus livros, manuscritos e apontamentos, os quais já não eram por mim encontrados no local costumeiro, o que muito me enfureceu.

Encontrei-me estranho em minha própria casa! Procurei amigos, parentes a quem me afeiçoara. A indiferença que lhes surpreendi em torno da minha desgraça chocou-me dolorosamente (...).

Dirigi-me então a consultórios médicos. Tentei fixar-me em hospitais, pois que sofria, sentia febre e loucura, supremo mal-estar torturava meu

ser, reduzindo-me a desolador estado de humilhação e amargura. Mas, a toda parte que me dirigia, sentia-me insocorrido, negavam-me atenções, despreocupados e indiferentes todos ante minha situação. (...) Pareciam alheios às minhas insistentes algaravias, ninguém me concedendo sequer o favor de um olhar!

Aflito, insofrido, alucinado, (...) em parte alguma encontrava possibilidade de estabilizar-me a fim de lograr conforto e alívio!

Faltava-me alguma coisa irremediável, sentia-me incompleto! Eu perdera algo que me deixava assim, estonteado, e essa “coisa” que eu perdera, parte de mim mesmo, atraía-me para o local em que se encontrava, com as irresistíveis forças de um ímã (...) não sendo possível, de forma alguma, fixar-me em nenhum local para que me voltasse, tornei ao sitio tenebroso de onde viera: — o cemitério!

Essa “coisa”, cuja falta assim me enlouquecia, era o meu próprio corpo — o meu cadáver! — apodrecendo na escuridão de um túmulo!

Debrucei-me, soluçante e inconsolável, sobre a sepultura que me guardava os míseros despojos corporais, e estorci-me em apavorantes convulsões de dor e de raiva, rebolcando-me em crises de furor diabólico, compreendendo que me suicidara, que estava sepultado, mas que, não obstante, continuava vivo e sofrendo, mais, muito mais do que sofria antes. (...)

Cerca de dois meses vaguei desnorteado e tonto, em atribulado estado de incompreensão.

Ligado ao fardo carnal que apodrecia, viviam em mim todas as imperiosas necessidades do físico-humano, amargura que, aliada aos demais incômodos, me levava a constantes desesperações.

(...)

Via fantasmas perambulando pelas ruas do campo santo, não obstante minha cegueira, chorosos e aflitos, e, por vezes, terrores inconcebíveis sacudiam-me o sistema vibratório a tal ponto que me reduziam a singular estado de desmaio, como se, sem forças para continuar vibrando, minhas potências anímicas desfalecessem!

Certa vez em que ia e vinha, tateando pelas ruas, irreconhecível a amigos e admiradores, pobre cego humilhado no além-túmulo graças à desonra de um suicídio; (...) — ao dobrar de uma esquina deparei com

certa multidão, cerca de duzentas individualidades de ambos os sexos. Era noite.

Pelo menos eu assim o supunha, pois, como sempre, as trevas envolviam-me, e eu, tudo o que venho narrando, percebia mais ou menos bem dentro da escuridão, como se enxergasse mais pela percepção dos sentidos do que mesmo pela visão.

(...)

Essa multidão, entretanto, era a mesma que vinha concertando o coro sinistro que me aterrava, (...)

Tentei recuar, fugir, ocultar-me dela, apavorado por me tornar dela conhecido. Porém, porque marchasse em sentido contrário ao que eu seguia, depressa me envolveu, misturando-me ao seu todo para absorver-me completamente em suas ondas!

Fui levado de roldão, empurrado, arrastado mau grado meu; e tal era a aglomeração que me perdi totalmente em suas dobras. Apenas me inteirava de um fato, porque isso mesmo ouvia rosnarem ao redor, e era que estávamos todos guardados por soldados, os quais nos conduziam. A multidão acabava de ser aprisionada! À cada momento juntava-se, a ela outro e outro vagabundo, como acontecera comigo, e que do mesmo modo não mais poderiam sair.

Dir-se-ia que esquadrão completo de milicianos montados conduziam-nos à prisão.

Ouviam-se as patadas dos cavalos sobre o lajedo das ruas e lanças afiadas luziam na escuridão, impondo temor.

Protestei contra a violência de que me reconhecia alvo. Em altas vozes bradei que não era criminoso e dei-me a conhecer, enumerando meus títulos e qualidades. Mas os cavaleiros, se me ouviam, não se dignavam responder. Silenciosos, mudos, eretos, marchavam em suas montadas fechando-nos em círculo intransponível!

(...)

A caminhada foi longa. Frio cortante enregelava-nos. Misturei minhas lágrimas e meus brados de dor e desespero ao coro horripilante e participei da atroz sinfonia de blasfêmias e lamentações. (...)

Tocados vagarosamente, sem que um único monossílabo lográssemos arrancar aos nossos condutores, começamos, finalmente, a

caminhar penosamente por um vale profundo, onde nos vimos obrigados a enfileirar-nos de dois a dois, enquanto faziam idêntica manobra os nossos vigilantes.

Cavernas surgiram de um lado e outro das ruas que se diriam antes estreitas gargantas entre montanhas abruptas e sombrias, e todas numeradas.

(...)

Não se distinguiria terreno, senão pedras, lamaçais ou pântanos, sombras, aguaceiros... Sob os ardores da febre excitante da minha desgraça, cheguei a pensar que, se tal região não fosse um pequeno recôncavo da Lua, existiriam por lá, certamente, locais muito semelhantes...

(...)

E, finalmente, no centro de grande praça encharcada qual um pântano, os cavaleiros fizeram alto. Com elas estacou a multidão.

Em meio do silêncio que repentinamente se estabeleceu, viu-se que a soldadesca voltava sobre os próprios passos a fim de retirar-se.

Com efeito! Um a um vimos que se afastavam todos nas curvas tortuosas das vielas lamacentas, abandonando-nos ali.

Confusos e atemorizados seguimos ao seu encalço, ansiosos por nos afastarmos também.

Mas foi em vão! As ruelas, as cavernas e os pântanos se sucediam, baralhando-se num labirinto em que nos perdíamos, pois, para onde nos dirigíssemos, depararíamos sempre o mesmo cenário e a mesma topografia. Inconcebível terror apossou-se da estranha malta. Por minha vez, não poderia sequer pensar ou refletir, procurando solução para o momento.

O Vale dos Suicidas

(...)

Nessa paragem aflitiva (...) o solo, coberto de matérias enegrecidas e fétidas, lembrando a fuligem, era imundo, pastoso, escorregadio, repugnante! O ar pesadíssimo, asfixiante, gelado, (...) como se matérias pulverizadas, nocivas mais do que a cinza e a cal, lhes invadissem as vias respiratórias, martirizando-os com suplício inconcebível ao cérebro

humano habituado às gloriosas claridades do Sol (...)

O vale dos leprosos, lugar repulsivo da antiga Jerusalém de tantas emocionantes tradições, e que no orbe terráqueo evoca o último grau da abjeção e do sofrimento humano, seria consolador estágio de repouso comparado ao local que tento descrever.

(...)

O Além-túmulo acha-se longe de ser a abstração que na Terra se supõe, ou as regiões paradisíacas fáceis de conquistar com algumas poucas fórmulas inexpressivas. Ele é, antes, simplesmente a Vida Real, e o que encontramos ao penetrar suas regiões é Vida! Vida intensa a se desdobrar em modalidades infinitas de expressão, sabiamente dividida em continentes e falanges como a Terra o é em nações e raças; dispondo de organizações social e educativas modelares, a servirem de padrão para o progresso da Humanidade. É no Invisível, mais do que em mundos planetários, que as criaturas humanas colhem inspiração para os progressos que lentamente aplicam no orbe.

(...)

É bem possível que haja quem ponha a discussões mordazes a veracidade do que vai descrito nestas páginas (...).

Não os convidarei a crer. Não é assunto que se imponha à crença, simplesmente, mas ao raciocínio, ao exame, à investigação. Se sabem raciocinar e podem investigar — que o façam, e chegarão a conclusões lógicas que os colocarão na pista de verdades assaz interessantes para toda a espécie humana! O a que os convido, o que ardentemente desejo e para que tenho todo o interesse em pugnar, é que se eximam de conhecer essa realidade através dos canais trevosos a que me expus, dando-me ao suicídio por desobrigar-me da advertência de que a morte nada mais é do que a verdadeira forma de existir!...

(...)

Não sabíamos quando era dia ou quando voltava a noite, porque sombras perenes rodeavam as horas que vivíamos. Perdêramos a noção do tempo. Apenas esmagadora sensação de distância e longevidade do que representasse o passado ficara para açoiar nossas interrogações, afigurando-se-nos que estávamos há séculos jungidos a tão ríspido calvário!

(...) A contagem do tempo, para aqueles que mergulhavam nesse abismo, estacionara no momento exato em que fizera para sempre tombar a própria armadura de carne!

(...)

Doíam em nossa configuração astral as picadas monstruosas dos vermes! Enfurecia-nos até à demência a martirizante repercussão que levava nosso perispírito, ainda animalizado e provido de abundantes forças vitais, a refletir o que se passava com seu antigo envoltório limoso — tal o eco de um rumor a reproduzir-se de quebrada em quebrada da montanha, ao longo de todo o vale...

(...)

Sobrepondo-se, no entanto, a tão lamentável acervo de iniquidades, acima de tanta vergonha e tão rudes humilhações existia, vigilante e compassiva, a paternal misericórdia do Deus Altíssimo, do Pai justo e bom que “não quer a morte do pecador, mas que ele viva e se arrependa”.

Nas peripécias que o suicida entra a curtir depois do desbarato que prematuramente o levou ao túmulo, o Vale Sinistro apenas representa um estágio temporário, sendo ele para lá encaminhado por movimento de impulsão natural, com o qual se afina, até que se desfaçam as pesadas cadeias que o atrelam ao corpo físico-terreno, destruído antes da ocasião prevista pela lei natural.

Será preciso que se desagreguem dele as poderosas camadas de fluidos vitais que lhe revestiam a organização física, adaptadas por afinidades especiais da Grande Mãe Natureza à organização astral, ou seja, ao perispírito, as quais nele se aglomeram em reservas suficientes para o compromisso da existência completa; que se arrefeçam, enfim, as mesmas afinidades, labor que na individualidade de um suicida será acompanhado das mais aflitivas dificuldades, de morosidade impressionante, para, só então, obter possibilidade vibratória que lhe faculte alívio e progresso (...).

Legião dos Servos de Maria

Periodicamente, singular caravana visitava esse antro de sombras.
(...)

Vinha à procura daqueles dentre nós cujos fluidos vitais, arrefecidos

pela desintegração completa da matéria, permitissem locomoção para as camadas do Invisível intermediário, ou de transição.

Supúnhamos tratar-se, a caravana, de um grupo de homens. Mas na realidade eram Espíritos que estendiam a fraternidade ao extremo de se materializarem o suficiente para se tornarem plenamente percebidos à nossa precária visão e nos infundirem confiança no socorro que nos davam.

Trajados de branco, apresentavam-se caminhando pelas ruas lamacentas do Vale, de um a um, em coluna rigorosamente disciplinada, enquanto, olhando-os atentamente, distinguiríamos, à altura do peito de todos, pequena cruz azul-celeste, o que parecia ser um emblema, um distintivo. (...) — LEGIÃO DOS SERVOS DE MARIA.

O socorro

Um dia, profundo alquebramento sucedeu em meu ser a prolongada excitação. Fraqueza insólita conservou-me aquietado, como desfalecido. Eu e muitos outros cômpanes de minha falange estávamos extenuados, incapazes de resistirmos por mais tempo a tão desesperadora situação. Urgência de repouso fazia-nos desmaiar freqüentemente, obrigando-nos ao recolhimento em nossas desconfortáveis cavernas.

(...) O conhecido rumor aproximava-se cada vez mais...

Sáímos de um salto para a rua... Vielas e praças encheram-se de réprobos como das passadas vezes, ao mesmo tempo que os mesmos angustiosos brados de socorro ecoavam pelas quebradas sombrias, no intuito de despertarem a atenção dos que vinham para a costumeira vistoria...

(...)

De súbito ressoou na atmosfera dramática daquele inferno onde tanto padeci, repercutindo estrondosamente pelos mais profundos recôncavos do meu ser, o meu nome, chamado para a libertação!

(...)

Afastava-se o veículo... A pouco e pouco a cerração de cinzas se ia dissipando aos nossos olhos torturados, durante tantos anos, pela mais cruciante das cegueiras: — a da consciência culpada!

Deus Misericordioso!... Havíamos deixado o Vale Sinistro!... (...) Comovido e pálido, pude, então, elevar o pensamento à Fonte Imortal do Bem Eterno, para humildemente agradecer a grande mercê que recebia!

O tratamento

Longe de terem chegado ao fim os seus tormentos, Camilo passaria por um doloroso processo de recuperação. Para não tornar muito longo o trabalho, apresentamos um pequeno resumo do tratamento que Camilo foi submetido.

As anotações que seguem foram baseadas em resumo elaborado por Américo Sucena (e-mail para contato: americosucena@uol.com.br), coordenador do Projeto Slide, um programa de divulgação da Doutrina Espírita através de imagens, de responsabilidade da Sociedade Espírita Mãos Unidas -SP.

(...)

Após vencerem grandes distâncias, o comboio parou à frente do portão principal de uma admirável fortaleza onde se lia “Legião dos Servos de Maria - Colônia Correccional”.

Daquele momento em diante, estava sob a tutela de uma das mais importantes instituições pertencentes à Legião chefiada pelo grande Espírito Maria de Nazaré.

Hospital Maria de Nazaré

Depois do registro, Camilo e alguns companheiros foram conduzidos ao Hospital Maria de Nazaré. Receberam vestuário hospitalar, e foram acomodados em camas impecavelmente limpas e receberam um delicioso caldo. Após a refeição, pela primeira vez em muito tempo, Camilo e seus colegas de quarto, conseguiram dormir profundamente durante algumas horas.

Em seguida, foi encaminhado ao gabinete cirúrgico onde foi submetido a vários exames e cirurgias, para a reconstituição do perispírito lesado. Camilo foi examinado naquelas regiões correspondentes as que no corpo físico terreno foram atingidas pelo tiro (aparelhos faríngeo, auditivo, visual e cerebral).

Todas essas regiões do perispírito, profundamente afetadas, receberam recursos magnéticos, através de aparelhos que demonstravam o elevado grau que atingira a medicina, embora não estivessem em uma zona elevada da espiritualidade. Durante uma hora, Camilo permaneceu sob rigoroso tratamento, até que se extinguissem as correntes magnéticas que ainda o ligavam ao corpo físico, 13 anos depois do suicídio.

Em pouco mais de 2 meses, estava mais aliviado, mais esclarecido da gravidade da situação em que se encontrava, mas também alertado quanto a urgente necessidade de auto-reforma, como preparação para uma nova encarnação.

Conhecendo o passado espiritual

De todas as atividades que participou, dois acontecimentos marcaram profundamente Camilo.

O primeiro foi quando recebeu a visita da esposa e dos pais já desencarnados. Um ambiente que reproduzia fielmente a casa onde havia nascido foi especialmente preparado para este momento.

O segundo, dois anos após o primeiro, decisivo para orientar o seu futuro, foi quando teve contato com o seu passado espiritual. Extrair da memória profunda a lembrança das encarnações passadas. Camilo chegou a vacilar, sendo necessário a vigorosa influência dos seus instrutores.

Ligado ao mesmo aparelho que seus instrutores utilizavam nas aulas que assistia, devidamente assistido por seus mestres que mais pareciam médicos que operavam sua alma, após passar por uma espécie de hipnose, Camilo viu-se no ano 33 da era cristã, em plena Jerusalém. Era o dia do Calvário, e sabia-se que um certo Jesus, fora condenado à morte na cruz.

Viu-se indo e vindo pelas ruas, promovendo arruaças e fazendo intrigas. Foi ao Pretório e aplaudiu Barrabás enquanto pedia a execução de Jesus.

Acompanhou o cortejo, insultou a Jesus e desrespeitou a Mãe de Jesus, a mesma Maria que o albergava na Colônia. Denunciou cristãos ao Sinédrio, pelo simples prazer de praticar o mal.

Seguem as lembranças no curso do tempo, em reencarnações que se sucederam e durante os intervalos entre uma existência e outra, permaneceu nas regiões inferiores, sem perceber com clareza a diferença

entre o estado de encarnado e de desencarnado, até que a idéia da regeneração começou a preocupá-lo.

Nas primeiras décadas do século XVII, Camilo renasce na Espanha numa família de nobres arruinados e perseguidos por rivalidades políticas e religiosas.

Chegou à juventude analfabeto e revoltado com o trabalhando duro no campo, sonhava tornar-se um homem culto.

Recorreu ao padre da região, que penalizado com a sua situação resolveu alfabetizá-lo.

Mais tarde, Camilo sentindo-se humilhado devido a uma frustração amorosa, tornou-se sacerdote da Companhia de Jesus. Seu interesse não estava em servir a Jesus, mas adquirir posição que a Companhia de Jesus podia lhe proporcionar. Movido pela revolta, passou a dedicar-se à causa da Inquisição, perseguiu, denunciou, mentiu, condenou, torturou e matou.

Quinze anos se passaram e o destino voltou a colocá-lo à frente de Magda, a sua antiga amada que retornara à Espanha.

Camilo, além de assediar Magda, passou a seguir os passos de seu marido e acaba descobrindo a sua vinculação com a Reforma Protestante. Camilo denunciou Ornelas ao Santo-Ofício, pensando em livrar-se dele para apossar-se da esposa. Magda procura Camilo na esperança de libertar o marido. Atendendo as súplicas de Magda, Camilo decide libertá-lo, mas no ápice da sua vingança, ordenou que queimassem os olhos do prisioneiro antes de libertá-lo.

Enquanto recordava seu passado, três séculos depois, Camilo ainda sentia-se ferido na alma ao lembrar a cena em que Magda recebia o companheiro no pátio da prisão e profundamente chocada com a extensão da sua perversidade, não consegue reagir.

A partir daquele momento, surge o remorso e o arrependimento. Camilo nunca mais conseguiu dormir tranqüilo, deixou de cumprir as ordens dos seus superiores, o que o levou a prisão perpétua.

Depois da morte expiou, tanto na Terra como no Mundo Espiritual, pelos crimes praticados sob tutela do Santo-Ofício. Até que na segunda metade do século XIX se preparou para a última etapa do seu resgate: a cegueira.

Após essas recordações Camilo compreende o motivo da cegueira na última encarnação. Terminado o processo de recordação do passado delituoso, profundamente chocado, leva alguns dias para restabelecer-se e continuar os estudos.

Preparando-se para recomeçar

Durante o tempo que viveu naquela Colônia aprendeu o que era necessário para sua reabilitação. Sem jamais permanecer ocioso, trabalhou e estudou por quase 40 anos, mas não tinha coragem de nascer e enfrentar novamente a cegueira, pena que havia desertado.

Dias depois, mentores levam Camilo para visitar Mario Sobral, antigo companheiro do Vale dos Suicidas, reencarnado em grande capital brasileira. Camilo emocionou-se ao ver o amigo repousando o corpo deficiente em uma habitação paupérrima.

Sem família, adotado por uma pobre e humilde lavadeira. Enfermo, analfabeto, enfrentando a fome e mendigando pelas ruas por não ter sabido utilizar os talentos que recebera outrora.

Mas apesar de tudo, estava protegido pela Legião dos Servos de Maria. Junto dele compareciam regularmente, vigilantes e enfermeiros que o sustentavam na saúde precária e o ajudavam no reerguimento da alma e para cumprir o planejamento por ele mesmo escolhido.

Após a visita, Camilo decide finalmente reencarnar. Embora receasse por novas quedas, estava ciente que levaria sólidos conhecimentos para a vida física e estaria sobre a proteção de uma equipe de benfeitores espirituais que acompanhariam a evolução do seu futuro corpo desde o embrião até a desencarnação.

Despediu-se de todos os amigos e companheiros e seguiu para o Departamento de Reencarnação para elaborar o seu programa de reajustamento.

Previra renascer em 1945, recomeçando uma nova existência, as margens do Rio Tejo, na Espanha, no mesmo cenário onde contraiu os débitos que agora teria que resgatar. Trabalharia como médium curador e na divulgação da Doutrina Espírita. Viveria até os 60 anos, dos quais os últimos 20, privado da visão, olhando para dentro de si mesmo.

Relatos do livro O Martírio dos Suicidas

Para demonstrar que a situação vivida por Camilo, longe de ser uma exceção, é uma realidade a ser compartilhada por todos os que seguiram o mesmo caminho ilusório, relacionamos outros depoimentos.

Na seqüência, anotações resumidas, elaborado pela Sociedade Espírita Raios de Luz (Tapera – RS), a partir do relato de suicidas, inseridos em o livro O Martírio dos Suicidas.

Dr. Raul Martins - Juiz íntegro, inteligente, católico fervoroso. Suicidou-se em 21 de novembro de 1920. Trinta e três meses após, ele próprio conta suas experiências.

“O candidato a suicídio se ilude, supondo que vai se libertar das dores, das tristezas, da miséria. Que trágica ilusão!

Eu também me enganei - e, longe de diminuir o sofrimento, ele aumentou e se tornou muito mais profundo aqui no espaço, onde não há noite nem dia, onde não se pode dormir pelo menos.

São milhões os desgraçados que como eu, se debatem nas trevas da amargura - amargura que, além de tudo, é inútil, porque ninguém morre. Aqui, se vive, mais vivo que nunca. Aqui sim, se sofre!

Sejam fortes vocês que estão lendo estas páginas! Quando forem vítimas do sofrimento, afugentem a idéia do suicídio porque se nele caírem, será aberto diante de seus pés, o mais tenebroso inferno!”

Jacinto - O caso que segue foi narrado pelo próprio suicida, a um amigo, pedindo-lhe que publicasse tão dramática exposição, servindo de alerta a quem pensa em suicídio:

“Sou Jacinto, seu amigo, morto há 25 anos. Matei-me com um tiro nos miolos. Lembra-se de mim? Na véspera do meu suicídio, estive no seu escritório e contei-lhe sobre minha vontade de acabar com a vida. Você me aconselhou - e seus conselhos, tive a loucura de não seguir. No dia seguinte, matei-me.

Venho agora, dizer-lhe o que é o suicídio e pedir-lhe que escreva e publique tudo, para alertar aos outros loucos que têm em mente a idéia de fugir da vida.

No dia em que me matei estava desesperado e você sabe os motivos. Ajeitei o revólver no céu da boca. Dei o tiro, mas verifiquei ainda estar vivo, sentindo dores agudas e ouvindo os gritos dos meus familiares - **mas não podia me mover.**

Continuei com o corpo morto, mas sem poder me separar do cadáver. Assim paralisado, assisti aos funerais ouvi os lamentos e as recriminações dos presentes, pelo meu ato. Horrorizado, **vi fecharem o caixão sobre mim.** Fui conduzido, assistindo a tudo e sempre sentindo a dor do ferimento da boca.

Carregaram-me ao cemitério, me enterraram e me deixaram sozinho. Senti a **sufocação do fundo da cova, mas não podia fazer o mais leve movimento.** Estava colado ao corpo morto!

As dores que sentia eram fabulosamente insuportáveis. E, logo a seguir, passei a sentir o cheiro do corpo apodrecendo. Senti **as mordeduras dos vermes,** milhões de mordidas ao mesmo tempo, por todo o corpo. Dores incríveis!

Muito tempo depois, a carne foi se separando dos ossos, foi se acabando e eu sempre ali, sentindo as dores e assistindo a tudo.

A sede, a fome e o frio me torturavam. A dor do ferimento da boca nunca me abandonou. Jamais tive um único minuto de descanso, em que eu pudesse dormir.

O jazigo foi aberto duas ou três vezes, para a colocação de cadáveres de pessoas da família. De quem? Nunca pude saber, porque não conseguia ao menos ir olhar quem estava enterrado ao meu lado.

Nestes últimos dias, fui libertado! Vou continuar minha condenação em outro lugar. Antes disso, aqui estou para pedir-lhe que diga aos que sofrem, o que é o suicídio.

Esta é minha contribuição.

Rio de Janeiro, outubro de 1917.”

Relatos do livro O Céu e o Inferno

Nas reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, presididas por Allan Kardec e sob a coordenação de São Luís (Espírito) vários suicidas foram ouvidos. Os diálogos foram inseridos no Capítulo V, da 2ª parte de O Céu e o Inferno. Destes, selecionamos alguns.

O Suicida da Samaritana

A 7 de abril de 1858, pelas 7 horas da noite, um homem de cerca de 50 anos e decentemente trajado apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, de Paris, e mandou que lhe preparassem um banho. Decorridas cerca de 2 horas, o criado de serviço, admirado pelo silêncio do freguês, resolveu entrar no seu gabinete, a fim de verificar o que ocorria. Deparou-se-lhe então um quadro horroroso: o infeliz degolara-se com uma navalha e todo o seu sangue misturava-se à água da banheira. E como a identidade do suicida não pôde ser averiguada, foi o cadáver removido para o necrotério.

(...)

11. - No momento de vos suicidardes não experimentastes qualquer hesitação?

R. Ansiava pela morte... Esperava repousar.

12. - Como é que a idéia do futuro não vos fez renunciar a um tal projeto?

R. Não acreditava nele, absolutamente. Era um desiludido. O futuro é a esperança.

13. - Que reflexões vos ocorreram ao sentirdes a extinção da vida?

R. Não refleti, senti... Mas a vida não se me extinguiu... minha alma está ligada ao corpo... Sinto os vermes a corroerem-me.

14. - Que sensação experimentastes no momento decisivo da morte?

R. Pois ela se completou?

15. - Foi doloroso o momento em que a vida se vos extinguiu?

R. Menos doloroso que depois. Só o corpo sofreu.

16. - (Ao Espírito S. Luís.) - Que quer dizer o Espírito afirmando que o momento da morte foi menos doloroso que depois?

R. O Espírito descarregou o fardo que o oprimia; ele ressentia a volúpia da dor.

17. - Tal estado sobrevém sempre ao suicídio?

R. Sim. O Espírito do suicida fica ligado ao corpo até o termo dessa vida. A morte natural é a libertação da vida: o suicídio a rompe por completo.

18. - Dar-se-á o mesmo nas mortes acidentais, embora involuntárias, mas que abreviam a existência?

R. Não. Que entendeis por suicídio? O Espírito só responde pelos seus atos.

Nota - Esta dúvida da morte é muito comum nas pessoas recentemente desencarnadas, e principalmente naquelas que, durante a vida, não elevam a alma acima da matéria. É um fenômeno que parece singular à primeira vista, mas que se explica naturalmente. (...) Na linguagem comum, a idéia do sono prende-se à suspensão de todas as faculdades sensitivas; ora, o sonâmbulo que pensa, que vê e sente, que tem consciência da sua liberdade, não se crê adormecido, e de fato não dorme, na acepção vulgar do vocábulo. Eis a razão por que responde não, até que se familiariza com essa maneira de apreender o fato. O mesmo acontece com o homem que acaba de desencarnar; para ele a morte era o aniquilamento do ser, e, tal como o sonâmbulo, ele vê, sente e fala, e assim não se considera morto, e isto afirmando até que adquira a intuição do seu novo estado. Essa ilusão é sempre mais ou menos dolorosa, uma vez que nunca é completa e dá ao Espírito uma tal ou qual ansiedade. No exemplo supra ela constitui verdadeiro suplício pela sensação dos vermes que corroem o corpo, sem falarmos da sua duração, que deverá equivaler ao tempo de vida abreviada. Este estado é comum nos suicidas, posto que nem sempre se apresenta em idênticas condições, variando de duração e intensidade conforme as circunstâncias atenuantes ou agravantes da falta. A sensação dos vermes e da decomposição do corpo não é privativa dos suicidas: sobrevém igualmente aos que viveram mais da matéria que do espírito (...).

O PAI E O CONSCRITO

No começo da guerra da Itália, em 1859, um negociante de Paris, pai de família, gozando de estima geral por parte dos seus vizinhos, tinha um filho que fora sorteado para o serviço militar. Impossibilitado de o eximir de tal serviço, ocorreu-lhe a idéia de suicidar-se a fim de o isentar do mesmo, como filho único de mulher viúva. Um ano mais tarde, foi evocado na Sociedade de Paris a pedido de pessoa que o conhecera, desejosa de certificar-se da sua sorte no mundo espiritual.

(...)

5. - A realização do vosso suicídio teve por causa unicamente a isenção do vosso filho, ou concorreram para ele outras razões?

R. Fui completamente inspirado pelo amor paterno, porém, mal inspirado. Em atenção a isso, a minha pena será abreviada.

6. - Podeis precisar a duração dos vossos padecimentos?

R. Não lhes entrevejo o termo, mas tenho certeza de que ele existe, o que é um alívio para mim.

(...)

10. - (A S. Luís.) - Podereis ministrar-nos a vossa apreciação sobre esse suicídio?

R. Este Espírito sofre justamente, pois lhe faltou a confiança em Deus, falta que é sempre punível. A punição seria maior e mais duradoura, se não houvera como atenuante o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra. Deus, que é justo e vê o fundo dos corações, não o pune senão de acordo com suas obras.

OBSERVAÇÕES - À primeira vista, como ato de abnegação, este suicídio poder-se-ia considerar desculpável. Efetivamente assim é, mas não de modo absoluto. A esse homem faltou a confiança em Deus, como disse o Espírito S. Luís. A sua ação talvez impediu a realização dos destinos do filho; ao demais, ele não tinha a certeza de que aquele sucumbiria na guerra e a carreira militar talvez lhe fornecesse ocasião de adiantar-se. A intenção era boa, e isso lhe atenua o mal provocado e merece indulgência; mas o mal é sempre o mal, e se o não fora, poder-se-ia, escudado no raciocínio, desculpar todos os crimes e até matar a pretexto de prestar serviços.

(...) Em regra, o homem não tem o direito de dispor da vida, por isso que esta lhe foi dada visando deveres a cumprir na Terra, razão bastante para que não a abrevie voluntariamente, sob pretexto algum. Mas, ao homem - visto que tem o seu livre-arbítrio - ninguém impede a infração dessa lei. Sujeita-se, porém, às suas conseqüências. O suicídio mais severamente punido é o resultante do desespero que visa a redenção das misérias terrenas, misérias que são ao mesmo tempo expiações e provações. Furtar-se a elas é recuar ante a tarefa aceita e, às vezes, ante a missão que se devera cumprir. O suicídio não consiste somente no ato voluntário que produz a morte instantânea, mas em tudo quanto se faça conscientemente para apressar a extinção das forças vitais. Não se pode tachar de suicida aquele que dedicadamente se expõe à morte para salvar o seu semelhante: primeiro, porque no caso não há intenção de se privar da vida, e, segundo, porque não há perigo do qual a Providência nos não possa subtrair, quando a hora não seja chegada. A morte em tais contingências é sacrifício meritório, como ato de abnegação em proveito de outrem.

Com o Espiritismo, tornada impossível a dúvida, muda o aspecto da vida. O crente sabe que a existência se prolonga indefinidamente para lá do túmulo, mas em condições muito diversas; donde a paciência e a resignação que o afastam muito naturalmente de pensar no suicídio; donde, em suma, a *coragem moral*.

O Evangelho Segundo o Espiritismo - cap. V, item 16.

“— Nenhuma tentativa para o reerguimento moral será eficiente se continuarmos presos à ignorância de nós mesmos! Será indispensável, primeiramente, averiguarmos quem somos, donde viemos e para onde iremos, a fim de que nos convençamos do valor da nossa própria personalidade e à sua elevação moral nos dediquemos, devotando a nós próprios toda a consideração e o máximo apreço.”

Epaminondas de Vigo (Livro Memórias de Um Suicída, p. 468)

Esclarecimentos em O Livro dos Espíritos

O conhecimento da Doutrina Espírita poderá ser decisivo para evitar o caminho espinhoso do suicídio, por isso, incluímos a questão 165 e as questões 943 a 957 de O Livro dos Espíritos.

165. O conhecimento do Espiritismo exerce alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?

“Influência muito grande, por isso que o Espírito já antecipadamente compreendia a sua situação. Mas, a prática do bem e a consciência pura são o que maior influência exercem.”

Por ocasião da morte, tudo, a princípio, é confuso. De algum tempo precisa a alma para entrar no conhecimento de si mesma. Ela se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. (...)

Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos.

Aqueles que, desde quando ainda viviam na Terra, se identificaram com o estado futuro que os aguardava, são os em quem menos longa ela é, porque esses compreendem imediatamente a posição em que se encontram. (...)

A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, que se conserva calmo, semelhante em tudo a quem acompanha as fases de um tranqüilo despertar. Para aquele cuja consciência ainda não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam à proporção que ele da sua situação se compenetra.

Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre tornam a ver-se logo. Presas da perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado, ou só se preocupa com os que lhe interessam.

Desgosto da vida. Suicídio

943. *Donde nasce o desgosto da vida, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos?*

“Efeito da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade.

Para aquele que usa de suas faculdades com fim útil e de acordo com as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente. Ele lhe suporta as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto obra com o fito da felicidade mais sólida e mais durável que o espera.”

944. *Tem o homem o direito de dispor da sua vida?*

“Não; só a Deus assiste esse direito. O suicídio voluntário importa numa transgressão desta lei.”

a) - *Não é sempre voluntário o suicídio?*

“O louco que se mata não sabe o que faz.”

945. *Que se deve pensar do suicídio que tem como causa o desgosto da vida?*

“Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não lhes teria sido tão pesada.”

946. *E do suicídio cujo fim é fugir, aquele que o comete, às misérias e às decepções deste mundo?*

“Pobres Espíritos, que não têm a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aos que sofrem e não aos que carecem de energia e de coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados! Ai, porém, daqueles que esperam a salvação do que, na sua impiedade, chamam acaso, ou fortuna! O acaso, ou a fortuna, para me servir da linguagem deles, podem, com efeito, favorecê-los por um momento, mas para lhes fazer sentir mais tarde, cruelmente, a vacuidade dessas palavras.”

a) - *Os que hajam conduzido o desgraçado a esse ato de desespero sofrerão as conseqüências de tal proceder?*

“Oh! Esses, ai deles! *Responderão como por um assassínio.*”

947. *Pode ser considerado suicida aquele que, a braços com a maior penúria, se deixa morrer de fome?*

“É um suicídio, mas os que lhe foram causa, ou que teriam podido impedi-lo, são mais culpados do que ele, a quem a indulgência espera. Todavia, não penseis que seja totalmente absolvido, se lhe faltaram firmeza e perseverança e se não usou de toda a sua inteligência para sair do atoleiro. Ai dele, sobretudo, se o seu desespero nasce do orgulho. Quero dizer: se for quais homens em quem o orgulho anula os recursos da inteligência, que corariam de dever a existência ao trabalho de suas mãos e que preferem morrer de fome a renunciar ao que chamam sua posição social! Não haverá mil vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade, em afrontar a crítica de um mundo fútil e egoísta, que só tem boa-vontade para com aqueles a quem nada falta e que vos volta as costas assim precisais dele? Sacrificar a vida à consideração desse mundo é estultícia, porquanto ele a isso nenhum apreço dá.”

948. *É tão reprovável, como o que tem por causa o desespero, o suicídio daquele que procura escapar à vergonha de uma ação má?*

“O suicídio não apaga a falta. Ao contrário, em vez de uma, haverá duas. Quando se teve a coragem de praticar o mal, é preciso ter-se a de lhe sofrer as conseqüências. Deus, que julga, pode, conforme a causa, abrandar os rigores de Sua justiça.”

949. *Será desculpável o suicídio, quando tenha por fim obstar a que a vergonha caia sobre os filhos, ou sobre a família?*

“O que assim procede não faz bem. Mas, como pensa que o faz, Deus lhe leva isso em conta, pois que é uma expiação que ele se impõe a si mesmo. A intenção lhe atenua a falta; entretanto, nem por isso deixa de haver falta. Demais; eliminai da vossa sociedade os abusos e os preconceitos e deixará de haver desses suicídios.”

Aquele que tira de si mesmo a vida, para fugir à vergonha de uma ação má, prova que dá mais apreço à estima dos homens do que à de Deus, visto que volta para a vida espiritual carregado de suas iniquidades, tendo-se privado dos meios de repará-los durante a vida corpórea. Deus, geralmente, é menos inexorável do que os homens. Perdoa aos que sinceramente se arrependem e atende à reparação. O suicídio nada repara.

950. *Que pensar daquele que se mata, na esperança de chegar mais depressa a uma vida melhor?*

“Outra loucura! Que faça o bem e mais cedo estará de lá chegar, pois, matando-se, retarda a sua entrada num mundo melhor e terá que pedir lhe seja permitido voltar, para *concluir* a *vida* a que pôs termo sob o influxo de uma idéia falsa. Uma falta, seja qual for, jamais abre a ninguém o santuário dos eleitos.”

951. *Não é, às vezes, meritório o sacrifício da vida, quando aquele que o faz visa salvar a de outrem, ou ser útil aos seus semelhantes?*

“Isso é sublime, conforme a intenção, e, em tal caso, o sacrifício da vida não constitui suicídio. Mas, Deus se opõe a todo sacrifício inútil e não o pode ver de bom grado, se tem o orgulho a manchá-lo. Só o desinteresse torna meritório o sacrifício e, não raro, quem o faz guarda oculto um pensamento, que lhe diminui o valor aos olhos de Deus.”

Todo sacrifício que o homem faça à custa da sua própria felicidade é um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus, porque resulta da prática da lei de caridade. Ora, sendo a vida o bem terreno a que maior apreço dá o homem, não comete atentado o que a ela renuncia pelo bem de seus semelhantes: cumpre um sacrifício. Mas, antes de o cumprir, deve refletir sobre se sua vida não será mais útil do que sua morte.

952. *Comete suicídio o homem que perece vítima de paixões que ele sabia lhe haviam de apressar o fim, porém a que já não podia resistir, por havê-las o hábito mudado em verdadeiras necessidades físicas?*

“É um suicídio moral. Não percebeis que, nesse caso, o homem é duplamente culpado? Há nele então falta de coragem e bestialidade, acrescidas do esquecimento de Deus.”

a) - *Será mais, ou menos, culpado do que o que tira a si mesmo a vida por desespero?*

“É mais culpado, porque tem tempo de refletir sobre o seu suicídio. Naquele que o faz instantaneamente, há, muitas vezes, uma espécie de desvairamento, que alguma coisa tem da loucura. O outro será muito mais punido, por isso que as penas são proporcionadas sempre à consciência que o culpado tem das faltas que comete.”

953. *Quando uma pessoa vê diante de si um fim inevitável e horrível, será culpada se abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos, apressando voluntariamente sua morte?*

“É sempre culpado aquele que não aguarda o termo que Deus lhe marcou para a existência. E quem poderá estar certo de que, mau grado às aparências, esse termo tenha chegado; de que um socorro inesperado não venha no último momento?”

a) - *Concebe-se que, nas circunstâncias ordinárias, o suicídio seja condenável; mas, estamos figurando o caso em que a morte é inevitável e em que a vida só é encurtada de alguns instantes.*

“É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador.”

b) - *Quais, nesse caso, as conseqüências de tal ato?*

“Uma expiação proporcionada, como sempre, à gravidade da falta, de acordo com as circunstâncias.”

954. *Será condenável uma imprudência que compromete a vida sem necessidade?*

“Não há culpabilidade, em não havendo intenção, ou consciência perfeita da prática do mal.”

955. *Podem ser consideradas suicidas e sofrem as conseqüências de um suicídio as mulheres que, em certos países, se queimam voluntariamente sobre os corpos dos maridos?*

“Obedecem a um preconceito e, muitas vezes, mais à força do que por vontade. Julgam cumprir um dever e esse não é o caráter do suicídio. Encontram desculpa na nulidade moral que as caracteriza, em a sua maioria, e na ignorância em que se acham. Esses usos bárbaros e estúpidos desaparecem com o advento da civilização.”

956. *Alcançam o fim objetivado aqueles que, não podendo conformar-se com a perda de pessoas que lhes eram caras, se matam na esperança de ir juntar-se-lhes?*

“Muito diverso do que esperam é o resultado que colhem. Em vez de se reunirem ao que era objeto de suas afeições, dele se afastam por longo tempo, pois não é possível que Deus recompense um ato de covardia e o insulto que Lhe fazem com o duvidarem da Sua providência. Pagarão esse instante de loucura com aflições maiores do que as que pensaram abreviar e não terão, para compensá-las, a satisfação que esperavam.”

957. Quais, em geral, com relação ao estado do Espírito, as conseqüências do suicídio?

“Muito diversas são as conseqüências do suicídio. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma conseqüência a que o suicida não pode escapar; é o *desapontamento*. Mas, a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.”

A observação, realmente, mostra que os efeitos do suicídio não são idênticos. Alguns há, porém, comuns a todos os casos de morte violenta e que são a conseqüência da interrupção brusca da vida. Há, primeiro, a persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, por estar quase sempre esse laço na plenitude da sua força no momento em que é partido, ao passo que, no caso de morte natural, ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes que a vida se haja extinguido completamente. As conseqüências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, seguindo-se à ilusão em que, durante mais ou menos tempo, o Espírito se conserva de que ainda pertence ao número dos vivos.

A afinidade que permanece entre o Espírito e o corpo produz nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que, assim, a seu mau grado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também **pode durar pelo tempo que devia durar a vida que sofreu interrupção. Não é geral este efeito**; mas, em caso algum, o suicida fica isento das conseqüências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu. (...)

A importância da prece segundo o Espiritismo

Quando vos advenha uma causa de sofrimento ou de contrariedade, sobreponde-vos a ela, e, quando houverdes conseguido dominar os ímpetos da impaciência, da cólera, ou do desespero, dizei, de vós para convosco, cheio de justa satisfação: \”Fui o mais forte.\”

(O Evangelho segundo o Espiritismo - cap. V, item 18)

Apresentamos para estudo e reflexão, questões de O Livro dos Espíritos que abordam a dinâmica da prece e a sua importância em nossas vidas.

Além das orações, sugerimos a leitura e o estudo de O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulos XXVII e XXVIII. Também faz parte deste capítulo um pequeno roteiro para a realização do Evangelho no Lar, oportunidade de união da família, através de momentos de paz e entendimento do Evangelho.

659. *Qual o caráter geral da prece?*

“A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar Nele; é aproximar-se Dele; é pôr-se em comunicação com Ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer.”

662. *Pode-se, com utilidade, orar por outrem?*

“O Espírito de quem ora atua pela sua vontade de praticar o bem. Atrai a si, mediante a prece, os bons Espíritos e estes se associam ao bem que deseje fazer.”

O pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites da nossa esfera corporal. A prece que fazemos por outrem é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar, em auxílio daquele por quem oramos, os bons Espíritos, que lhe virão sugerir bons pensamentos e dar a força de que necessitem seu corpo e sua alma.

664. *Será útil que oremos pelos mortos e pelos Espíritos sofredores? E, neste caso, como lhes podem as nossas preces proporcionar alívio e abreviar os sofrimentos?*

“A prece não pode ter por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem se ora experimenta alívio, porque recebe assim um testemunho do interesse que inspira àquele que por ela pede e também porque o desgraçado sente sempre um refrigério, quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores. (...) O desejo de melhorar-se, despertado pela prece, atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores, que o vão esclarecer, consolar e dar-lhe esperanças. Jesus orava pelas ovelhas desgarradas, mostrando-vos, desse modo, que culpados vos tornaríeis, se não fizésseis o mesmo pelos que mais necessitam das vossas preces.”

665. *Que se deve pensar da opinião dos que rejeitam a prece em favor dos mortos, por não se achar prescrita no Evangelho?*

“Aos homens disse o Cristo: Amai-vos uns aos outros. Esta recomendação contém a de empregar o homem todos os meios possíveis para testemunhar aos outros homens afeição, sem haver entrado em minúcias quanto à maneira de atingir ele esse fim. (...) a prece que lhe dirigis por aquele que vos inspira afeição constitui, para este, um testemunho de que dele vos lembrais, testemunho que forçosamente contribuirá para lhe suavizar os sofrimentos e consolá-lo. Desde que ele manifeste o mais ligeiro arrependimento, mas só então, é socorrido. Nunca, porém, será deixado na ignorância de que uma alma simpática com ele se ocupou. (...)

Pedi e obtereis

(capítulo XXVII de O Evangelho Segundo o Espiritismo)

Qualidades da prece

(...) Quando quiserdes orar, entrai para o vosso quarto e, fechada a porta, orai a vosso Pai em secreto; e vosso Pai, que vê o que se passa em secreto, vos dará a recompensa. Não cuideis de pedir muito nas vossas preces, como fazem os pagãos, os quais

imaginam que pela multiplicidade das palavras é que serão atendidos. Não vos torneis semelhantes a eles, porque vosso Pai sabe do que é que tendes necessidade, antes que lho peçaís. (Mt. 6, 5 a 8)

Jesus definiu claramente as qualidades da prece. Quando orardes, diz ele, não vos ponhais em evidência; antes, orai em secreto. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orar, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos, não as vossas qualidades e, se vos comparardes aos outros, procurai o que há em vós de mau. (Cap. X, nº 7 e nº 8.)

Eficácia da prece

Seja o que for que peçaís na prece, crede que o obtereis e concedido vos será o que pedirdes. (Mc. 11, 24)

Há quem conteste a eficácia da prece, com fundamento no princípio de que, conhecendo Deus as nossas necessidades, inútil se torna expor-lhas. E acrescentam os que assim pensam que, achando-se tudo no Universo encadeado por leis eternas, não podem as nossas súplicas mudar os decretos de Deus.

(...) Deus não lhe outorgou a razão e a inteligência, para que ele as deixasse sem serventia; a vontade, para não querer; a atividade, para ficar inativo. Sendo livre o homem de agir num sentido ou noutro, seus atos lhe acarretam, e aos demais, conseqüências subordinadas ao que ele faz ou não. (...) Possível é, portanto, que Deus aceda a certos pedidos, sem perturbar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, subordinada sempre essa anuência à sua vontade.

O que Deus lhe concederá sempre, se ele o pedir com confiança, é a coragem, a paciência, a resignação. Também lhe concederá os meios de se tirar por si mesmo das dificuldades, mediante idéias que fará lhe sugiram os bons Espíritos, deixando-lhe dessa forma o mérito da ação.

Ele assiste os que se ajudam a si mesmos, de conformidade com esta máxima: “Ajuda-te, que o Céu te ajudará”; não assiste, porém, os

que tudo esperam de um socorro estranho, sem fazer uso das faculdades que possuí. Entretanto, as mais das vezes, o que o homem quer é ser socorrido por milagre, sem despende o mínimo esforço. (...)

Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores

Os Espíritos sofredores reclamam preces e estas lhes são proveitosas, porque, verificando que há quem neles pense, menos abandonados se sentem, menos infelizes. Entretanto, a prece tem sobre eles ação mais direta: reanima-os, incute-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação e, possivelmente, desvia-lhes do mal o pensamento. E nesse sentido que lhes pode não só aliviar, como abreviar os sofrimentos.

Preces aos suicidas

Os suicidas **não estão perdidos para sempre**. Eles continuam a **existir** - em sofrimento, mas continuam vivos: e serão socorridos, porque suas penas não são eternas.

As orações os **auxiliam** muito, colaborando com seu **adiantamento e alívio**. Quando nossas orações são enviadas a DEUS, em benefício deles, há como que uma **pausa** em suas agonias: conseguem uma atmosfera de paz em torno de si, conseguem lembrar de Deus e orar.

Por um suicida (capítulo XXVIII, itens 71 e 72)

PREFÁCIO. Jamais tem o homem o direito de dispor da sua vida, porquanto só a Deus cabe retirá-lo do cativo da Terra, quando o julgue oportuno. Todavia, a justiça divina pode abrandar-lhe os rigores, de acordo com as circunstâncias, reservando, porém, toda a severidade para com aquele que se quis subtrair às provas da vida. O suicida é qual prisioneiro que se evade da prisão, antes de cumprida a pena; quando preso de novo, é mais severamente tratado. O mesmo se dá com o suicida que julga escapar às misérias do presente e mergulha em desgraças maiores.

Prece. - Sabemos, ó meu Deus, qual a sorte que espera os que violam a tua lei, abreviando voluntariamente seus dias; mas, também sabemos que infinita é a tua misericórdia. Digna-te, pois, de estendê-la

sobre a alma de N... Possam as nossas preces e a tua comiseração abrandar a acerbidade dos sofrimentos que ele está experimentando, por não haver tido a coragem de aguardar o fim de suas provas. Bons Espíritos, que tendes por missão assistir os desgraçados, tomai-o sob a vossa proteção; inspirai-lhe o pesar da falta que cometeu. Que a vossa assistência lhe dê forças para suportar com mais resignação as novas provas por que haja de passar, a fim de repará-la. Afastai dele os maus Espíritos, capazes de o impelirem novamente para o mal e prolongar-lhe os sofrimentos, fazendo-o perder o fruto de suas futuras provas. A ti, cuja desgraça motiva as nossas preces, nos dirigimos também, para te exprimir o desejo de que a nossa comiseração te diminua o amargor e te faça nascer no íntimo a esperança de melhor porvir! Nas tuas mãos está ele; confia na bondade de Deus, cujo seio se abre a todos os arrependimentos e só se conserva fechado aos corações endurecidos.

Prece de Cáritas (*)

Deus nosso Pai, que tendes poder e bondade, dai força àquele que passa pela provação, dai luz àquele que procura à verdade, ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus, dai ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso.

Pai, dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, a criança o guia, ao órfão o pai.

Senhor, que a Vossa bondade se estenda sobre tudo que criaste.

Piedade, meu Deus, para aquele que não vos conhece, esperança para aquele que sofre. Que a Vossa bondade permita aos Espíritos consoladores derramarem por toda parte a paz, a esperança e a fé.

Deus, um raio de luz, uma centelha do Vosso amor pode iluminar a Terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita e todas as lágrimas secarão, todas as dores acalmar-se-ão; um só coração, um só pensamento subirão até Vós, como um grito de reconhecimento e de amor.

Como Moisés sobre a montanha nós Vos esperamos com os braços abertos, oh! poder, oh! bondade, oh! beleza, oh! perfeição, e queremos de algum modo alcançar a Vossa misericórdia.

Deus, dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos até Vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão, dai-nos a simplicidade, que fará de nossas almas o espelho onde se deve refletir a Vossa imagem.

Cáritas

(Psicografada na noite de 25 de dezembro de 1873)

(*) SCHUTEL, Cairbar. **Preces Espíritas**. 61.ed. Matão, SP: O Clarim, 1999. p. 38-40.

Realização do Evangelho no Lar

O Evangelho no Lar é um momento espiritual de grande repercussão para os que participam, tendo a finalidade de unir as criaturas proporcionando um ambiente fraterno de paz e tranqüilidade.

Valorize a vida: suicídio não é a solução

Como realizar o Evangelho no Lar:

- Escolher dia e hora da semana em que seja possível a presença de todos os familiares, ou daqueles que desejam participar. A assiduidade e a pontualidade são muito importantes, pois a Espiritualidade também assumirá o compromisso de comparecer levando o apoio e o conforto através de energias benéficas e boas intuições.

- A duração deve ser de aproximadamente 30 minutos.

- Providenciar uma jarra com água para ser magnetizada pelos benfeitores espirituais.

- Não suspender a prática do Evangelho em virtude de visitas ou passeios adiáveis. Os convidados podem participar da reunião.

- Acautelar-se para não transformar a reunião em trabalho mediúnico. A mediunidade deve ser atendida em Sociedades Espíritas idôneas.

Roteiro

Prece inicial: Pai Nosso ou uma prece simples e espontânea. Valorizar os sentimentos e não as palavras, solicitando direção superior para a reunião.

Leitura: Ler um trecho de O Evangelho segundo o Espiritismo, abrindo espontaneamente o livro ou fazendo estudos em seqüência desde as páginas iniciais.

Comentários: Devem ser breves e esclarecedores, facilitando a compreensão e a aplicação diária. Procurar a participação de todos, evitando discórdia ou “cobranças” de atitudes dos familiares.

Vibrações: Emitir sentimentos, pensamentos e palavras de paz, amor, harmonia, pedindo o amparo Divino para os parentes, os amigos, os que sofrem, etc. E junto a isso solicitar a magnetização da água.

Prece Final: Pai Nosso ou uma prece espontânea de agradecimento ao amparo de Jesus e da Espiritualidade amiga. Servir a água magnetizada aos presentes, mantendo o clima de respeito e recolhimento, evitando atitudes ruidosas ou de alarde.

Nota: O Grupo Espírita Seara do Mestre editou um folheto contendo instruções de como realizar o Evangelho no Lar.

Mensagens para reflexão

Deus sabe

Há momentos muito difíceis, que parecem insuperáveis, enriquecidos de problemas e dores que se prolongam, intermináveis, ignorados pelos mais próximos afetos, mas que Deus sabe.

Muitas vezes te sentirás à borda de precipícios profundos, em desespero, e por todos abandonado. No entanto, não te encontrarás a sós, porque, no teu suplício, Deus sabe o que te acontece.

Injustiçado, e sob o estigma de calúnias destruidoras, quando, experimentando incomum angústia, estás a ponto de desertar da luta, confia mais um pouco, e espera, porque Deus sabe a razão do que te ocorre.

Vitimado por cruel surpresa do destino, que te impossibilita levar adiante os planos bem formulados, não te rebeles, entregando-te à desesperação, porque Deus sabe que assim é melhor para ti.

Crucificado nas traves ocultas de enfermidade pertinaz, cuja causa ninguém detecta, a fim de minimizar-lhe as conseqüências, ora e aguarda ainda um pouco, porque Deus sabe que ela vem para tua felicidade.

Deus sabe tudo!

Basta que te deixes conduzir por Ele, e sintonizado com a Sua misericórdia e sabedoria, busca realizar o melhor, assinalando o teu caminho com as pegadas de luz, características de quem se entregou a Deus e em Deus progride.

Joanna de Ângelis

FRANCO, Divaldo. **Filho de Deus**. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador, BA: LEAL.

Confia sempre

Não percas a tua fé entre as sombras do mundo. Ainda que os teus pés estejam sangrando, segue para a frente, erguendo-a por luz celeste, acima de ti mesmo.

Crê e trabalha.

Esforça-te no bem e espera com paciência.

Tudo passa e tudo se renova na Terra, mas o que vem do céu permanecerá.

De todos os infelizes os mais desditosos são os que perderam a confiança em Deus e em si mesmo, porque o maior infortúnio é sofrer a privação da fé e prosseguir vivendo.

Eleva, pois, o teu olhar e caminha.

Luta e serve. Aprende e adianta-te.

Brilha a alvorada além da noite.

Hoje, é possível que a tempestade te amarfanhe o coração e te atormente o ideal, aguilhoando-te com a aflição ou ameaçando-te com a morte...

Não te esqueças, porém, de que amanhã será outro dia.

Meimei / Chico Xavier

Ao levantar-se

Agradeça a Deus a bênção da vida, pela manhã.

Se você não tem o hábito de orar, formule pensamentos de serenidade e otimismo, por alguns momentos, antes de retomar as próprias atividades.

Levante-se com calma.

Se deve acordar alguém, use bondade e gentileza, reconhecendo que gritaria ou brincadeiras de mau gosto não auxiliam em tempo algum.

Guarde para com tudo e para com todos a disposição de cooperar para o bem.

Antes de sair para a execução de suas tarefas, lembre-se de que é preciso abençoar a vida para que a vida nos abençoe.

XAVIER, Francisco Cândido. **Sinal Verde**. Pelo Espírito André Luiz. 37. ed. Uberaba, MG: CEC, 1995. cap. 1.

Vencerás

Não desanimes.

Persiste mais um tanto.

Não cultives pessimismo.

Centraliza-te no bem a fazer.

Esquece as sugestões do medo destrutivo.

Segue adiante, mesmo varando a sombra dos próprios erros.

Avança ainda que seja por entre lágrimas.

Trabalha constantemente.

Edifica sempre.

Não consintas que o gelo do desencanto te entorpeça o coração.

Não te impressiones nas dificuldades.

Convence-te de que a vitória espiritual é construção para o dia-a-dia.

Não desistas da paciência.

Não creias em realizações sem esforço.

Silêncio para a injúria

Olvido para o mal.

Perdão às ofensas.

Recorda que os agressores são doentes.

Não permitas que os irmãos desequilibrados te destruam o trabalho ou te apaguem a esperança.

Não menosprezes o dever que a consciência te impõe.

Se te enganaste em algum trecho do caminho, reajusta a própria visão e procura o rumo certo.

Não contes vantagens nem fracassos.

Não dramatizes provações ou problemas.

Conserva o hábito da oração para quem se te faz a luz na vida íntima.

Resguarda-te em Deus e persevera no trabalho que Deus te confiou.

Ama sempre, fazendo pelos outros o melhor que possas realizar.

Age auxiliando.

Serve sem apego.

E assim vencerás.

Emmanuel

(Mensagem psicografada pelo médium Francisco Candido Xavier - do livro **Astronautas do Além** - edição GEEM)

O jugo leve

Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo. (Mt. 11-28 a 30)

Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram consolação em a fé no futuro, em a confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, ao contrário, nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança lhe mitiga o amargor. Foi isso que levou Jesus a dizer: “Vinde a mim todos vós que estais fatigados, que eu vos aliviarei.”

Entretanto, faz depender de uma condição a sua assistência e a felicidade que promete aos aflitos. Essa condição está na lei por ele ensinada. Seu jugo é a observância dessa lei; mas, esse jugo é leve e a lei é suave, pois que apenas impõe, como dever, o amor e a caridade.

KARDE, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. 112. ed. Rio [de Janeiro]:FEB, 1996. cap. VI. Itens 1-2.

Mensagem Final

Todos os que estagiam neste plano de provas e expiações estarão invariavelmente, à frente dos desafios existenciais, necessários à evolução espiritual, mas que às vezes se apresentam intensos e dolorosos.

No entanto, é necessário compreender que nas tormentas da vida está o remédio divino para a cura das nossas almas e, se vencidas com resignação e coragem, assegurar-nos-ão dias melhores.

Por outro lado, o suicídio remete o ser a um estado muitíssimo pior, por mais difícil que possa parecer a situação que esteja vivenciando.

Por isso, com estas anotações, fazemos o convite aos irmãos em dificuldade para buscarem ajuda através dos recursos que estiverem ao seu alcance. Ajuda médica, terapias especializadas e na Casa Espírita ou onde estiver vinculado pela sua religião.

Os recursos da fluidoterapia (o passe e a água magnetizada), o atendimento fraterno (diálogo de esclarecimento e consolo), as palestras públicas, os grupos de estudos da Doutrina Espírita, as leituras edificantes são valiosos instrumentos que auxiliam a superar as experiências dolorosas, afastando do pensamento a idéia equivocada de interromper a vida.

Pense nos esforços, nas lutas e renúncias dos pais que permitiram esta encarnação. Reflita sobre o trabalho que o mundo espiritual teve no planejamento e auxílio para que este renascimento se concretizasse.

Saia um pouco de si, visite um asilo, um orfanato, um hospital e observe a massa de sofredores que pululam por todos os lugares. Procure uma instituição de caridade, esquecendo-se dos problemas para dedicar-se às dores maiores. Ofereça os teus talentos do tempo e do conhecimento e assim ajudando, será ajudado. Onde quer que se encontre alguém com o desejo de servir, haverá sempre a ajuda dos benfeitores espirituais para auxiliar nos bons propósitos.

E lembre-se sempre: as injunções expiatórias ou provacionais, quando enfrentadas sob a tutela dos amigos invisíveis, serão vencidas com menor quota e lágrimas.

Referências

Castro, Almerindo Martins. O martírio dos suicidas. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos. 83. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

_____. O Evangelho Segundo o Espiritismo. 112. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1996.

_____. O Céu e o Inferno. 44. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999.

Pereira, Yvonne do A. Memórias de um Suicida. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.

SIMONETTI, Richard. Quem tem medo da morte? São Paulo, SP, Lumini. p. 52

_____. Suicídio: tudo o que você precisa saber. Bauru, SP: CEAC, 2006.



Grupo Espírita Seara do Mestre

Av. Getúlio Vargas, 1325 - Cx. P. 21 - Santo Ângelo / RS

CEP 98801-570 - ☎ (55) 3313-2553

<http://www.searadomestre.com.br>

Palestras Públicas: 2^{as}, 4^{as}, 6^{as} e domingos às 20 horas;

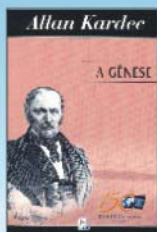
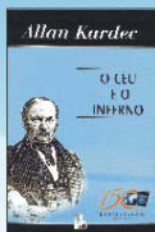
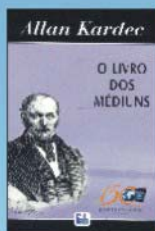
3^{as} e 5^{as} feiras às 14 horas;

Sábados às 15 horas.

Livraria: 2^a à sábado, das 13:30 às 17:30 horas.

Informe-se sobre as demais atividades.

CONHEÇA A DOCTRINA ESPÍRITA



Apoio Fraterno



**Auxiliando almas
a vencer a
drogação**

Carmem Bóris - Cláudio Fittz - Denise Caribon
Dulce Vieira - Edson de Oliveira
Edson Cardoso - Ivane Freitas - Marcos Stralotto



Disque Esperança
(55) 3313-1553
24hs com mensagens de
esperança e otimismo.

Ligação normal,
sem taxa
pelo serviço.

www.searadomestre.com.br
www.searadomestre.com.br/evangelizacao